



## CURA E FÉ: VIVÊNCIAS E APRENDIZADOS DE UMA BENZEDEIRA

Rafaela Pereira de Souza<sup>1</sup>

E-mail: santiagoraah@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia – Campus XII

### RESUMO

O presente estudo tem por finalidade compreender as práticas e crenças relacionadas ao ato de benzer com base nas experiências e saberes de uma benzeadeira. Trata-se de um estudo qualitativo baseado em uma entrevista realizada com uma benzeadeira de uma comunidade rural. A entrevista foi realizada de modo a ser um relato de vida, permitindo que a entrevistada compartilhasse seus conhecimentos, seu papel e suas práticas de cura na comunidade a qual reside. Além disso foram feitos questionamentos a fim de obter uma compreensão mais abrangente do contexto de atuação da benzeadeira. Os dados revelam uma coleção admirável de informações sobre as condutas de uma benzeadeira. Ela exerce um papel de enorme importância na comunidade, sendo então, bastante procurada por pessoas que compartilham da mesma fé em busca de alívio e consolo para suas questões emocionais e de saúde. A benzeadeira por sua vez, faz uso de seus conhecimentos religiosos e seus instrumentos com a finalidade de sanar as aflições alheias. Ela supõe que seus dons de cura foram passados de geração, sendo assim uma herança e seus conhecimentos adquiridos pelo ato de ver e ouvir. Com isso, a benzeadeira além de manter um papel importante, ela também se considera uma guardiã dos saberes espirituais e de cura de sua comunidade contribuindo, assim, para a preservação daquilo que se qualifica como patrimônio imaterial em uma comunidade.

**Palavras-chave:** Benzimento. Crenças. Herança. Patrimônio. Práticas.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ato de benzer é considerado uma prática tradicional de cura que abrange diversas culturas ao redor do mundo, representa uma forma popular de medicina informal, movida pela fé e espiritualidade, baseada em orações, crença na cura e instrumentos para a realização da benzedura que vem passando de geração para geração. Esta prática é encontrada principalmente em comunidades rurais, onde as benzeadeiras desempenham um papel importante de curandeiras, promovendo o bem-estar daqueles que as procuram.

Carvalho e Castanheira (2017) destaca que as benzeadeiras são procuradas principalmente por pessoas em busca de alívio para suas inquietações de saúde e emocionais, uma vez que elas possuem uma vastidão de conhecimento na área e grandes experiências com

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Pedagogia do Departamento de Educação Campus XII da Universidade do Estado da Bahia.

o manuseio de ervas e raízes medicinais com o intuito de fornecer a cura que são usadas durante ou indicadas após a benzida a fim de obter efeitos a longo prazo.

A importância da prática de benzer vai além, as benzedadeiras são consideradas guardiãs de tradições culturais que desempenham o papel de preservar o patrimônio imaterial da comunidade a qual reside.

Através desse estudo, buscamos a compreensão acerca das vivências e conhecimentos de uma benzedeira com relação as suas práticas de cura. O interesse acerca do tema se deu ao fato de ser neta de uma benzedeira, além disso, ter crescido no meio cultural onde a benzedura se fez muito presente, seguindo por esse caminho, surgiu o questionamento: quais experiências uma benzedeira carrega consigo? Desse modo, o objetivo geral é compreender as práticas, crenças voltadas à experiência de uma benzedeira e sua relação com a espiritualidade. Ao conhecermos mais profundamente a prática de benzedura, somos capazes de valorizar e respeitar a diversidade de crenças de cura que há.

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ATO DE BENZEDURA

Benedadeiras são mulheres que promovem a cura através da fé, usando ao seu favor rezas, chás, banhos, garrafadas com o intuito de sanar inquietações físicas e mentais das demais pessoas que buscam sua ajuda. Compreender as benzedadeiras e sua prática de cura é buscar o significado de sua prática social, entendendo como é recriada essa cultura popular. Significa explicitar, a partir de relações sociais definidas, uma visão de mundo, da benzedeira com aqueles que a procuram, com o seu ofício de benzer, com a sua vida cotidiana. (SILVA, 2012, p.145).

Seus dons vão além do ato de benzer, elas carregam consigo seus saberes na memória. Bethencourt (2004) afirma que durante a idade média em Portugal a figura da mulher é marcante nessa prática, a partir dessa informação é possível perceber que todas elas partilham da figura arquetípica da mãe e do dom de cuidar. Conforme Mary Del Priore (2007) no Brasil colonial devido a falta do profissional médico, as mulheres recorriam às curas informais por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais para restabelecer a saúde das pessoas. Estes conhecimentos foram se misturando com saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e com a flora medicinal brasileira. De acordo com Leví-Strauss (1996), no



texto “O feiticeiro e sua magia”, é possível a cura se houver a crença do doente que ele cura e a confiança da coletividade.

## ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este estudo se ampara no método de pesquisa qualitativa, seguindo os parâmetros exploratórios de uma pesquisa de campo, contou-se com a participação de uma benzedeira de 82 anos da fazenda Boa Nova, nas proximidades do Agreste no município de Riacho de Santana-BA.<sup>2</sup> A Benzedeira em questão, trata-se da minha avó materna, o que simplificou o contato para convidá-la a participar da pesquisa. Após o aceite da mesma, foi marcada a entrevista em sua residência. Como se tratava de uma senhora analfabeta, foi lido o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e explicado mais detalhes sobre a pesquisa. A entrevista se deu seguindo um roteiro de perguntas semiestruturado. A entrevista foi gravada em áudio com o consentimento da entrevistada para possíveis análises. Foram ainda usados nomes fictícios para todos que foram citados na entrevista, exceto o da entrevistada que autorizou o uso do próprio nome.

A gravação da entrevista foi transcrita na íntegra e como uma opção, não foram feitas correções, conservando assim, em detalhes, a forma de falar da entrevistada. De princípio, a entrevista iria ser realizada com duas pessoas, porém a segunda benzedeira usando de seu direito, desistiu de participar, o que foi prontamente respeitado conforme sua vontade.

## PRÁTICAS DA BENZEDURAS: SABERES, FÉ E CURA

No decorrer da entrevista, foi possível observar a importância e influência que a benzedeira tem em sua comunidade. Quanto à religião, a entrevistada declarou seguir pela devoção ao catolicismo. Uma mulher de idade avançada, nascida e criada em meio a lavoura, vinda de família de baixa renda, analfabeta e quando questionada quanto a profissão, afirmou ser aposentada e dona de casa. Quando mais jovem atuou na criação de animais, plantio e

---

<sup>2</sup> Município no Estado da Bahia, Riacho de Santana localiza-se na Região Sudoeste da Bahia, na Microrregião de Guanambi e na Mesorregião do Centro-Sul Baiano. Está a 720 km de Salvador, capital baiana. Fundada em 13 de agosto 1878, a cidade atualmente tem 144 anos de emancipação e faz parte do território de identidade do Velho Chico.

colheita em suas terras juntamente com seu esposo e filhos. De acordo com seu relato, sua batalha no trabalho, na lida na roça se iniciou desde muito nova e como a mesma queixa, infelizmente isso deteriorou sua saúde física e hoje ela lida com as dores de uma vida sofrida.

Quando perguntada sobre como ela aprendeu a prática de benzedura, ela evidenciou que aprendeu com sua mãe, com isso, entende-se como uma herança familiar que veio de sua avó que passou para a sua mãe e, então, para si. Para Helman (2009), o reconhecimento do “dom” da benzedeira e sua transmissão pode se dar de diferentes modos, como a partir dos ensinamentos na própria família, por parte de um curandeiro mais experiente não necessariamente com laços de parentesco, por meio de sonhos, presságios, intuições, entre outras possibilidades. A benzedeira traz consigo essas recordações e algumas passagens de sua narrativa serão expostas a fim de exemplificar o que será abordado no transcórre desse estudo.

Benzer eu aprendi com minha mãe, ela não era benzedeira, mas ela benzia quando alguém precisava, eu também não sou benzedeira, benzedeira era minha finada vó Maria<sup>3</sup>, mãe de minha mãe e dona Joana, eu faço igual minha finada mãe, benzo os aflitos que precisa e tem a fé. Eu comecei a benzer mesmo depois que minhas duas netinhas morreram de quebranto e mal “oiado<sup>4</sup>” e minha nora no tempo não tinha fé, quando ela teve o primeiro “fi” homem, ela já tinha a fé e o medo de perder o menino, Joãozinho foi o primeiro que eu benzi (JARDELINA<sup>5</sup>).

Quando questionada sobre quais instrumentos ela fazia uso no momento em que realizava a prática, ela não só disse quais eram, como também abriu margem para outra pergunta, a descrição de quais benzeduras a mesma conhecia e praticava. Com relação aos instrumentos: “depende de que é a benzida, se for de quebranto, espinhela é três ramos verdes, agora se for tirar o sol, aí é uma toalha branca e uma garrafa de vidro com água.” (JARDELINA)

Quanto a descrição de benzeduras realizadas por ela:

Tirar o sol é quando a pessoa tá com muita dor de cabeça porque trabalhou, caminhou sem um pano na cabeça ou ficou muito tempo debaixo de sol e os remédios de farmácia não sara, aí eu boto uma toalha branca dobrada na cabeça e viro uma garrafa de vidro com água, quando começo a rezar, a garrafa começa a borbulhar, é sinal que o sol tá saindo da cabeça, mas só funciona em três sextas feiras, o quebranto é quando as pessoas “gavam” demais a

<sup>3</sup> Como dito anteriormente, foram usados nomes fictícios com exceção do nome da entrevistada que autorizou o uso do próprio nome no início da entrevista.

<sup>4</sup> Não foram feitas correções léxicas, mantendo assim a forma original falada pela benzedeira.

<sup>5</sup> Nome real da entrevistada.

criancinha, o cabelo de uma pessoa, essas coisas. Acaba causando o mal sem intenção. O “oio” gordo é igual o quebranto, só que o “oio” gordo é quando uma pessoa ruim “gava” de mentira, com maldade no coração. A espinhela caída é quando pega um peso muito grande e aí começa sentir dor, nas costas, na costela. A minguá é quando a criança não come, está muito magrelinha e o leite da mãe é fraco e não sustenta, depois de benzer a criança engorda e livra da morte. (JARDELINA)

Ao longo da entrevista, pensando na questão do tempo que gasta para realizar a atividade de benzedura, questionei sobre a cobrança de seus serviços, sobre transformar esse “dom” adquirido por ela em uma renda. A mesma imediatamente negou e atribuiu sua vocação como um presente de Deus, como relata a seguir: “não minha ‘fia’, Jesus Cristo curou e nunca cobrou nada, então, a cura é o dom que Deus dá sem custo, vez ou outra um filho de Deus dá um agrado, mas cobrar eu não cobro.” (JARDELINA)

Na percepção de Quintana (1999) a prática da caridade relaciona-se com a maneira como é visto o processo de obtenção de cura, que é alcançada através da intervenção divina. Nesse caso, não se vende aquilo que foi dado por Deus.

Em dado momento, quando abordada sobre a quantidade daqueles que ainda hoje a procuram em busca de cura e amparo para suas questões pessoais, a mesma se queixou sobre a falta de fé que vem surgindo com o passar das gerações. “Antigamente o povo vinha muito, [...] ô fia o povo vinha de São Paulo pra roça de folga, vinha aqui em casa pedindo benzida, hoje em dia é bem difícil, os novos não têm a mesma fé que os mais velhos tinham não, aquele era outros tempos”. (JARDELINA)

Dando segmento nessa linha de fé das gerações atuais, ela mostra grande indignação quando responde à pergunta sobre como vê o futuro da prática.

Eu tive 13 “fi”, hoje vivo tem 7, neto e bisneto eu não sei nem quantos eu e seu avô temos, nem meus “fi” e “fias” e nem “ôceis” netos e netas deram “ligança” pra isso não, tudo criado na roça e hoje a maioria que foram pra cidade não quer nem saber de roça. Esse povo novo não dá ousadia pra nada não. Depois que muitas benzedadeiras morreram, não conheço nenhuma outra aqui na Boa Nova, lá no agreste ou lá na Lagoa de Braúna. (JARDELINA)

Por séculos, as mulheres sofrem com diversos estigmas, de diversas formas, sempre alvo de alguma situação da qual acabam sendo protagonistas de um desfecho doloroso, um exemplo conhecido é o período que ficou conhecido como “caça às bruxas” que durou por pelo menos três séculos, chegando ao fim apenas com o surgimento do iluminismo, essa perseguição se deu devido a desconfiança da igreja que quando viam uma mulher com habilidades para lidar com



as questões da vida, levavam os líderes religiosos a crê que essas mulheres serviam ao diabo, praticavam bruxaria e a única forma de acabar com elas, eram as queimando viva na fogueira, com isso diversas injustiças e crueldades foram cometidas com base em intolerância e fanatismo religioso.

Quando questionada a respeito de já ter passado por uma situação de preconceito voltado para a prática, antes de responder à questão, notou-se uma expressão de tristeza, a mesma a qual senti, uma vez que compartilhamos da mesma lembrança.

Eu deixei muito de benzer, hoje em dia só benzo meus bisnetos, “ôceis” netos e amigos, gente que eu tenho muita simpatia. Uns anos atrás, “cê” era pequena, mas deve lembrar do genro do finado Geraldo que veio mais a mulher com um machucado na perna que o boi chutou e estava arruinando, pediu pra eu benzer e eu benzi, ele não melhorou e a mulher saiu me levantando falso testemunho, botou na boca do povo que eu era feiticeira e coloquei “porqueira” na perna do marido dela. Eu vi essa menina criar, vinha aqui pequena mais a mãe pedir seu avô leite de cabra “quais” todo dia de manhã. Aquilo me doeu muito, eu nunca fiz mal a ninguém minha “fia”, depois disso eu pedi perdão a meu Deus, mas não ia benzer mais ninguém, eu “tive” fazendo o bem e sai muito foi de ruim. (JARDELINA)

Apesar de ainda existir muito preconceito, pouca crença e interesse, a prática segue sendo uma medicina popular, prática que promove a cura através da fé, de remédios produzidos a partir de raízes e chás de ervas medicinais. Isso vem de muitos anos e o desejo é que a prática siga presente no cotidiano e que continue passando de gerações, mantendo viva essa cultura e os saberes que esse costume abrange.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, este trabalho, traz a possibilidade de notar e reconhecer a importância e o valor das benzedeadas em suas comunidades. Através da entrevista realizada, pôde-se obter uma ampla visão sobre suas práticas de cura, conhecimentos tradicionais e percepções de mundo. Entende-se que a benzedeadas demonstra um profundo compromisso com o bem-estar das pessoas ao seu redor, oferecendo cuidados e alívio através de suas rezas, rituais e remédios naturais. Suas habilidades e saberes foram transmitidos de geração em geração, mantendo viva uma cultura que sobrevive a séculos.



Além disso, a entrevista revelou a riqueza das histórias pessoais da benzedeira, suas experiências de vida e os desafios enfrentados ao longo do caminho. Essa narrativa destaca a resiliência, a sabedoria e a dedicação de uma mulher benzedeira em preservar e compartilhar seus conhecimentos.

Este estudo contribui para uma maior compreensão da prática da benzedura, suas influências culturais e seu papel nas comunidades. A voz da benzedeira traz um olhar único sobre a cura, espiritualidade e o poder da natureza.

## REFERÊNCIAS

BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia, feitiçarias, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARVALHO, R.R.; CASTANHEIRA, C.S. **Os saberes das Benzedeiros de Bom Sucesso**. Bom sucesso, Minas Gerais 2017.

DEL PRIORE, Mary. Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino. *In: – (org.) História das mulheres no Brasil*, 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

Helman, C. G. (2009). **Cultura, saúde e doença** (5ª ed., A. R. Bolner, trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.

LEVÍ – STRAUSS, Claude. **O feitiçeiro e sua magia**. *In: Antropologia estrutural*, 5ª Ed. Rio de Janeiro. Tempo brasileiro, 1996, p.193-214.

MARIN, R.C.; SCORSOLINI-COMIN, F. **Desenvolvimento no Ofício das Benzedeiros**, Minas Gerais, 2017

Quintana, A. M. (1999). **A ciência de benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru, SP: Edusc.

SILVA, Victor Augustus Gracciotto. **Benzedeiros**. Curitiba: Máquina de Escrever, 2012.